



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

MANUELE CARNEIRO DOS ANJOS

**ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM BIBLIOTECAS: A
RELEVÂNCIA DA GESTÃO DA INFORMAÇÃO NESSE PROCESSO.**

BELÉM

2019

MANUELE CARNEIRO DOS ANJOS

**ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM BIBLIOTECAS: A
RELEVÂNCIA DA GESTÃO DA INFORMAÇÃO NESSE PROCESSO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará,
como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em
Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Me. Williams Jorge Corrêa Pinheiro

BELÉM

2019

Anjos, Manuele Carneiro dos

Organização da informação em bibliotecas : a relevância da gestão nesse processo / Manuele Carneiro dos Anjos. — 2019. 51 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Me. Williams Jorge Corrêa Pinheiro
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Biblioteconomia, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

1. Informação. 2. Organização da Informação. 3. Gestão da Informação. I. Título.

CDD 020

MANUELE CARNEIRO DOS ANJOS

ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM BIBLIOTECAS: a relevância da gestão da informação nesse processo.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Data de aprovação ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Me. Williams Jorge Correa Pinheiro

Orientador – FABIB/UFPA

Prof^ª. Esp. Oderle Milhomem Araújo

Examinadora Interna – FABIB/UFPA

Prof^ª. Me. Nara Santos

Examinadora Interna – FABIB/UFPA

Aos meus pais, José Ribamar e Floraci por toda a ajuda e incentivo para tornar isto possível.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me manter firme e me amparar em todos os momentos de dificuldades.

A minha família por todo apoio para seguir.

Aos amigos que fiz durante esta jornada.

Toda minha gratidão a Paulo Henrique Silva Santos representante de nossa turma que sempre me auxiliou nos momentos de dúvidas.

Aos professores que me permitiram crescer e amadurecer, em especial ao meu orientador prof. Williams Jorge Correa Pinheiro.

“Uma biblioteca é um organismo em crescimento.”

(Shiyali Ramamrita Ranganathan)

RESUMO

Aborda a informação como um dos fatores principais para a contínua evolução humana. Demonstra ainda, sua importância e como através dos séculos ganhou notoriedade perante a formação das sociedades, deixando de ser abstrata e tornando-se concreta. Ressalta que a intensa produção da informação carece ser organizada de forma útil para um acesso futuro. Especifica o tratamento técnico pelo qual passa a informação, e ainda explica cada etapa e expõe seu valor para uma organização com qualidade. A organização da informação é um dos principais processos desenvolvidos na biblioteca. Salienta que uma boa gestão da informação dinamiza o processamento técnico e permite uma melhor interação entre bibliotecários e usuários. Frisa o uso das tecnologias como ferramentas principais para o auxílio da gestão. A metodologia aplicada baseia-se em pesquisa bibliográfica, observação e pesquisa em campo. Tem como conclusão demonstrar a importância de uma boa gestão da informação para um contínuo desenvolvimento das bibliotecas.

Palavras chaves: Informação. Organização da Informação. Gestão da Informação.

ABSTRACT

Approaches information as one of the main factors for the continuous human evolution. It also demonstrates its importance and how throughout the centuries it has become notorious for the formation of societies, from being abstract and becoming concrete. Emphasizes that the intense production of information needs to be organized in a useful way for future access. It specifies the technical treatment by which the information is passed, and explains each step and exposes its value to a quality organization. The organization of information is one of the main processes developed in the library. Emphasizes that good information management streamlines technical processing and enables better interaction between librarians and users. It highlights the use of technologies as main tools for management assistance. The applied methodology is based on bibliographical research, observation and field research. Its conclusion is to demonstrate the importance of good information management for the continuous development of libraries.

Key words: Information. Organization of Information. Information management.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ALA	American Library Association
AACR	Anglo-American Cataloguing Rules
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
GI	Gestão da Informação
LC	Library of Congress
MARC	Machine Readable Catalogin
OPACs	On-line Public Access Catalogs
RDA	Resource Description and Acess
TICs	Tecnologias da informação e comunicação
UEPA	Universidade do Estado do Pará
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRA	Universidade Federal Rural da Amazônia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Comparação dos modelos	28
Figura 2 – Divisão de assunto na CDD	29
Figura 3 – Divisão de Classe na CDU	30
Figura 4 – Tabela Cutter e Saborne.....	32
Figura 5 – Consulta manual ao acervo.....	33
Figura 6 - Descrição do documento no Marck 21	41
Figura 7 – Consulta online	42
Figura 8 – Interface SophiA	42
Figura 9 – Termos de Indexação	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Problema	14
1.2 Justificativa.....	14
1.3 Objetivos	16
1.3.1 Objetivo Geral	16
1.3.2 Objetivos Específicos	16
2 METODOLOGIA.....	17
3 INFORMAÇÃO, ORGANIZAR POR QUÊ?	18
4 O PROCESSAMENTO TÉCNICO DA INFORMAÇÃO	22
4.1 linguagem documentária, indexação e tesauros.....	23
4.2. Classificação bibliográfica.....	25
4.2.1 Classificação Decimal de Dewey (CDD).....	27
4.2.2 Classificação Decimal Universal (CDU).	29
4.2.3 Classificação de Cutter.....	31
4.3 Catalogação.....	32
4.3.1 <i>Anglo-American Cataloguing Rules 2ed. (AACR2)</i>	35
4.3.2 <i>Resource Description and Access (RDA)</i>	36
5 A GESTÃO DA INFORMAÇÃO.....	38
5.1 A gestão da informação e o uso das tecnologias na prática.....	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	47
Apendice A – Questionário.	51

1 INTRODUÇÃO

A informação em suas muitas vertentes, surge para completar o desenvolvimento, ela nos induz a buscar mais, a sempre nos atualizar e evoluir como seres pensantes. Souto (2014) reconhece o valor da informação para os processos de bens e serviços. Deter a informação é ter domínio sobre outros, não é à toa que tanto se investe em produzir e protege-la. A história nos mostra que em dados momentos reter a informação foi crucial para controlar e manipular as pessoas conforme as suas vontades. Como exemplo, podemos citar a Idade Média, onde, ao contrário do que se pensa muito em conhecimento foi produzido, porém, só o que era de interesse do clero e da nobreza era repassado à população que em sua maioria era analfabeta.

Dadas estas prerrogativas percebe-se o valor da informação e devido a sua produção em massa a necessidade de organizá-la. Para Pereira, Laurindo e Santiago (2011) uma unidade de informação deve sempre está organizada em todos os seus setores para melhor atender seus usuários. A organização da informação ocorre em processos dentro de uma biblioteca, no que tange a sua representação são utilizados processamentos técnicos que vão desde a escolha da linguagem até a catalogação dos materiais presentes nesta unidade.

A biblioteca sofreu muitas mudanças e para permanecer ativa teve que se adaptar as novas tendências da sociedade. Isto inclui a organização da informação, pois, o acesso tornou-se mais contínuo, com isso se fez necessário recuperar a informação com mais agilidade. Passou a ser prioridade não somente o armazenamento, aquela guarda excessiva, como também elaboração de meios para classificar, catalogar e ordenar os materiais de forma mais rápida e interativa.

A organização da informação precisa seguir etapas bem específicas para que desempenhe a sua função principal que é chegar até o usuário. Uma biblioteca que desempenha esta tarefa notoriamente se destaca entre as outras e torna-se referência em qualidade nos serviços oferecidos. Por isso, é fundamental priorizar uma boa organização e torná-la eficiente. Utilizando a tecnologia como uma das principais ferramentas para seu auxílio. Contudo, por vezes não há uma preocupação em ligar gestão e organização da informação diretamente. O que gera certas dificuldades no oferecimento dos serviços.

1.1 Problema

A eficiência de uma biblioteca é medida por sua rapidez e qualidade; quando se dispõe a poupar o tempo do leitor e do próprio bibliotecário, ou seja, disponibilizando uma organização inteligente. Aos bibliotecários na atualidade dominar as novas tecnologias e os sistemas de informação, entre outras competências, é fundamental para beneficiar o desenvolvimento em suas unidades de informação, já que esta é um organismo vivo em constante mudanças e adaptações. Nesse cenário a gestão se faz necessária, pois, sem este mecanismo de nada adiantará organiza-la.

É necessário entender a biblioteca como uma empresa e não só como uma sala com estantes. Partindo deste principio ficará mais fácil enxergar a importância de uma gestão abrangente

A negligencia da gestão influencia em toda a unidade de informação e em destaque aqui, o processamento técnico; o acervo deve passar por este para que fique mais fácil sua localização quando estiver disponível.

E assim, surge a questão como a gestão auxilia na organização da informação na biblioteca?

1.2 Justificativa

Dentro da área da biblioteconomia surgiram uma sucessão de novas tecnologias que serviram para acelerar a organização da informação, uma novidade benéfica para que os serviços sejam sempre de qualidade e principalmente a busca e recuperação da informação sejam mais rápidas para o usuário e também para o bibliotecário. A gestão da informação busca conhecer o ambiente onde a biblioteca está integrada, só assim agirá de forma mais eficaz ao seu propósito. Neste caso é crucial conhecer as etapas utilizadas nas bibliotecas.

A informação precisa e deve ser organizada para uma disseminação e mediação eficaz, para isso são necessários meios e técnicas para sua recuperação. Afinal, existe uma intensa produção que precisa está disponível com rapidez e qualidade. Atualmente temos usuários mais exigentes e questionadores e com a globalização advinda da *internet* a busca tornou-se muito mais massiva, uma vez que os conteúdos são instantâneos. Cabe aos bibliotecários

entender que já não basta apenas dispor o acervo, este deve ser acessado com frequência e agilidade.

Ao longo deste trabalho será abordada a temática informação e sua forma de organização. Destaca-se aqui o processamento técnico que passou por muitas evoluções e como uso da tecnologia que facilitou a gestão e a disposição do acervo nas bibliotecas para os usuários, vale ressaltar como o trabalho dos bibliotecários ficou mais ágil e viável a um padrão.

Nos diz Le Coadic, (2004, p. 4)

Informação é um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual em um suporte...é um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal elétrico.

Barreto (2006, p. 55) afirma que “informação deve ser convertida em conhecimento. Deve ser recuperada e compartilhada, para que o conhecimento possa ser administrado e comercializado”.

A informação viu sua produção seguir um ritmo intenso e contínuo, com isso uma organização se faz necessária para a busca e recuperação. Destacam Silva e Silva (2012, p. 215) a importância da organização da informação para seu acesso.

A fim de favorecer uma satisfatória recuperação dos materiais documentários, alguns procedimentos, técnicas, precisam ser adotadas, as quais se incluem a representação temática da informação, que é desenvolvida a partir da indexação, e a organização do conhecimento, a partir da ação de classificar.

A organização da informação precisa de um gerenciamento para que como ressalta Wilson (2003) apud Souto (2014, p. 31).

A gestão da informação é a aplicação dos princípios da administração na aquisição, organização, controle, disseminação e uso da informação relevante que sustente a operação efetiva de organizações de diferentes tipos. Por “informação” se entende todos os tipos de recursos informativos com valor agregado, que tenham origem no interior da organização ou fora dela. [...] O gerenciamento da informação engloba conceitos como qualidade, valor, posse, uso e segurança de informação no contexto de desempenho da organização.

Um bom gerenciamento possibilitará à biblioteca um potencial de atratividade muito maior.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Demonstrar a importância da gestão da informação para o processo de organização da informação nas bibliotecas.

1.3.2 Objetivos Específicos

- ✓ Destacar a importância do processamento técnico utilizado na organização da informação;
- ✓ Realçar a influência de uma boa gestão na organização da informação.
- ✓ Mostrar como a tecnologia auxilia na gestão e na organização da informação.

2 METODOLOGIA

A estrutura deste trabalho baseia-se inicialmente em uma pesquisa bibliográfica que para Prodanov e Freitas (2013) busca em materiais publicados como: livros, revistas, artigos científicos, etc., e tem por objetivo contato direto com o assunto e embasar os conceitos dos temas abordados. Visto que é um tema de vasta literatura, será necessário refinar a busca para um conteúdo que melhor se encaixe ao propósito do trabalho e exponha melhor os objetivos do mesmo. Gil (2002, p. 45) destaca que “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Posteriormente parte-se para uma pesquisa em campo para observação das atividades desenvolvidas. Prodanov e Freitas (2013, p. 59) dizem que esta pesquisa “consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para analisá-los.

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. (GIL, 2002, p. 53)

Aplicou-se um questionário semiaberto (Apêndice A) para obtenção de dados qualitativos para fundamentar ainda mais o desenvolvimento do tema. Obtendo resposta relevantes para a conclusão da problemática.

3 INFORMAÇÃO, ORGANIZAR POR QUÊ?

A informação surge da curiosidade humana, essa inesgotável necessidade de descobrir e explicar fenômenos diversos. Isto nos diferenciou dos outros animais, desenvolvemos e evoluímos nossas tecnologias para nos servir e facilitar o cotidiano. O grande diferencial nisto tudo foi à capacidade de concepção, produção e disseminação deste conhecimento. Para Le Coadic (2004) a informação comporta um elemento de sentido transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem ou um suporte espacial-temporal. A informação nada mais é que o fruto maduro da árvore do conhecimento.

A informação é o material direto, matéria-prima que compõe o conhecimento. Nesse sentido, a cadeia produtiva do conhecimento passa, necessariamente, pela produção da informação, esta como uma interpretação mais verídica e comprovada possível de algum fato. (XAVIER; COSTA 2010, p. 80).

A busca por informação parte de uma indagação inicial o conhecimento obtido é a resposta. Alvares (2012, p. 26) afirma que “informação é elemento que compõe o conhecimento”. Messias (2005) especifica que a informação é mutável com diversos conceitos, tornando-a impossível de ser conceituada em sua totalidade. Capurro e Hjørland (2007, p. 160) ratificam que “atualmente, quase toda disciplina científica usa o conceito de informação dentro de seu próprio contexto e com relação a fenômenos específicos”. A informação passou de abstrata e difusa para algo mais concreto e sólido no desenvolvimento humano. Sua transmissão nos tornou capazes de desenvolver técnicas e meios de sobrevivência.

A princípio o homem desenvolveu a linguagem por meio de sons e grunhidos, mas, isso não era uma exclusividade da nossa espécie, muitos animais são capazes de se comunicar desta forma, foi somente com o desenvolvimento da escrita que conseguimos nos diferenciar, ser únicos na natureza. O momento em que esta surgiu é uma incógnita, porém, foi de fundamental relevância para a propagação da informação. Inicialmente eram somente gravuras rupestres nas cavernas, que ilustravam uma caçada, uma história, um ser sobrenatural, entre outras coisas. Foi assim que começamos a produzir informação e principalmente mesmo que de forma tão rústica passamos a armazená-la. Diz-nos Le Coadic (2004) que informação se trata do conhecimento gravado sob forma escrita, oral ou audiovisual.

Então, produzimos e produzimos, mas, onde e como guardar? O uso da informação é contínuo e essencial para o desenvolvimento da humanidade; transmiti-la é tão fundamental quanto o ar que respiramos. Para Messias (2005, p. 19) “a capacidade de processar informações e transmiti-las entre os seus semelhantes é o que distingue o homem dos outros seres habitantes da terra”. Partindo desse pressuposto o homem trabalha em suportes capazes de armazenar a informação, usando materiais advindos da natureza.

O homem já empregou, e continua empregando, na escrita materiais provenientes dos três reinos da natureza. O reino mineral já lhe forneceu a pedra em que, segundo o Velho Testamento, foi gravada a primeira lei dos hebreus [...]. Sem a menor dúvida, o mais célebre de todos os produtos vegetais empregados na escrita é o papiro, de tanta importância histórica em si mesmo e pelos textos que conteve [...]. Seja como for, o grande material do reino animal empregado na escrita foi o pergaminho. (MARTINS, 2002, p. 59; 61; 65).

Assim, utilizando e desenvolvendo os recursos naturais, conseguimos conservar e disseminar a informação, claro que nem tudo fora preservado, por motivos diversos como: guerras; religião; política; má conservação; etc., muito se perdeu. Com o evoluir das sociedades vemos a intensificação da produção do conhecimento, inicialmente temos uma produção manual, lenta e restrita a religiosos e nobres. Vemos então o surgimento das primeiras bibliotecas como fonte de armazenamento e organização para a informação. Até à Renascença, as bibliotecas não estão à disposição dos profanos: são organismos sagrados, ou, pelo menos, religiosos, a que têm acesso apenas os que fazem parte de certa “ordem”, de um “corpo” igualmente religioso ou sagrado. (MARTINS, 2002, p.71).

A concepção de sagrado influenciou na forma da organização da informação, pois, poucos têm acesso e há muita restrição e censura. Isto prevaleceu por séculos somente com a invenção da prensa de Gutenberg por volta de 1450, que originou uma produção massificada, a elite dominante perdeu o controle sobre a produção da informação. Diante deste novo cenário surge uma nova questão para as bibliotecas que tinham basicamente a preocupação de guarda da informação, o que era algo até então viável, entretanto, com a mecanização da produção tornou-se impossível acomodar tudo em um único espaço. A aquisição exaustiva de obras, com a conseqüente garantia de acomodação das mesmas, passava a ser, desde então, tarefa cada vez mais difícil de ser cumprida. (VERGUEIRO, 1993, p. 2).

Até aqui temos o surgimento do desenvolvimento de coleção, onde as obras passam a ser selecionadas e adquiridas de acordo com o perfil do usuário. Aliás, vale destacar a importância do usuário neste processo, pois, foi para facilitar sua busca e eventual recuperação que a informação passa a ser organizada. Para Sepúlveda e Araújo (2012, p. 271) “o estudo de usuários permite que os bibliotecários conheçam tanto as necessidades de informação dos usuários quanto a satisfação desses com relação aos serviços e produtos fornecidos pela unidade de informação”.

A grande contribuição da conscientização sobre a explosão bibliográfica parece, todavia, ter sido muito mais no sentido de obrigar os bibliotecários a uma mudança radical de atitude em relação ao armazenamento e coleta de materiais informacionais. Ficou mais claro, a partir de então, que, se pretendiam manter as bibliotecas, pelas quais eram responsáveis organismos vivos e atuantes, deveriam necessariamente mudar a ênfase de seu trabalho, abandonando a acumulação pura e simples do material em benefício da possibilidade de acesso ao mesmo, tornando a coleção "consistente com as metas e objetivos da instituição a que serve". (VERGUEIRO, 1993, p. 3).

A preocupação com a coleção em espaço físico se refletiu na organização da informação, hoje ela deve ser acessada com rapidez e qualidade. A informação em seu contexto abrangente provou-se imenso demais para está limitado a espaços, tendo desta forma seu potencial cada vez mais explorado.

Vivemos no século XXI, era da informação, das buscas do ser humano pelo conhecimento infinito; era das avalanches de novas tecnologias, da informática (redes de computadores) e principalmente da Internet que, estão explodindo e adentrando em todos os campos de atuação do homem, facilitando as suas atividades em todas as suas áreas de ação e/ou atuação, principalmente, no ambiente educativo, ao qual, a Internet e as redes de computadores estão contribuindo qualitativamente no desenvolvimento do educando. (TITÃO; VIAPIANA, 2008, p. 28).

O surgimento da internet sem dúvidas foi um divisor de águas, pois, a informação rompe de vez as barreiras do espaço e do tempo, sem limites para seu alcance. De acordo com Souto (2010, p.37) “além do aumento do volume da informação e do valor por ela adquirido, a incorporação da internet, no cotidiano da sociedade atual, é outro fator que favorece o desenvolvimento de serviços que disseminam a informação seletivamente”. Para Silva e Lopes (2011) a internet é uma encruzilhada infinita sem noção de tempo ou espaço que rompeu com o tradicional.

Atualmente o volume da informação é muito mais massivo o que gera uma intensificação na organização, que é feita em processos, estes expressamente importantes para

um resultado final satisfatório. Cada etapa possui sua relevância e exige do bibliotecário competência em sua execução.

4 O PROCESSAMENTO TÉCNICO DA INFORMAÇÃO

Quando se fala em organização em bibliotecas o que vem em mente é a melhor adequação do espaço físico, obviamente isto é importante, contudo, dispor a informação de maneira viável para um uso com mais qualidade tanto para os usuários como para os bibliotecários é o ideal. Sendo assim olhando nas cinco leis da biblioteconomia estipuladas por Ranganathan¹ destacam-se neste contexto duas em específico:

A quarta lei - Economize o tempo do leitor enfatiza serviço eficiente, o que implica rápido sistema de empréstimo e guias de fácil entendimento nas estantes. Esta lei tem como corolário – Economize o tempo do bibliotecário – , o que requer o uso de técnicas e tecnologias que permitam ao pessoal atuar de maneira eficiente. A quinta lei – Uma biblioteca é um organismo em crescimento – reconhece que o crescimento que indubitavelmente ocorrerá deve ser planejado sistematicamente. Assim, das acomodações físicas às práticas administrativas, a biblioteca deve ser aberta, sempre pronta a se expandir. (FIGUEIREDO, 1992, p. 187).

A biblioteca é uma das instituições responsáveis por conservar e dispor a informação, assim como os museus e arquivos. Entretanto, nas bibliotecas os materiais mais comuns presentes são os livros e periódicos adquiridos através de compra, doação, etc. Uma vez obtidos passam pelo processo técnico da unidade de informação, mas, antes é necessário realizar o processo de tombamento do livro.

Atualmente, o tombamento é um ato administrativo realizado com o objetivo de preservar documentos por meio do registro do número de entrada em livro ou base de dados, ou seja, o número de tomo é único e funciona como o RG (registro geral) do documento/livro, e constitui a primeira medida para tratar a publicação na fase de processamento técnico. (VIEIRA, 2014, p.64).

Este processo garante a posse e o vínculo do recurso bibliográfico com a biblioteca. Passado o tombamento iniciam-se as representações descritivas e temáticas da informação. São etapas distintas que auxiliam a organização da informação e ajudam na recuperação e acesso da mesma. Para que as bibliotecas atinjam seus objetivos, todas devem facilitar, ao seu público-alvo, o acesso aos documentos nela distribuídos, obedecendo a critérios

¹ Shiyali Ramamrita Ranganathan matemático e bibliotecário indiano desenvolveu em 1931 cinco leis que regem a biblioteconomia e apesar de anos após sua publicação permanecem atuais e se adequando aos rumos tomados pelas bibliotecas. Sendo estas as cinco leis: 1) Livros são para o uso; 2) A cada leitor seu livro; 3) A cada livro seu leitor, 4) Economize o tempo do leitor; 5) Uma biblioteca é um organismo em crescimento.

preestabelecidos de organização e distribuição do próprio acervo. (SILVA; SILVA, 2012, p. 215).

Esta organização acontece nos seguintes passos.

4.1 linguagem documentária, indexação e tesouros.

A linguagem documentária surge inicialmente como solução para a recuperação da informação, ou seja, como uma forma de “traduzir” os documentos da sua linguagem natural para uma normalizada. Vieira (2014) diz que é a linguagem que representa não só o documento como seu conteúdo por meio de termos e signos. Ainda nesse contexto Cintra et al. (2002, p. 34) sustenta que “são sistemas simbólicos que visam facilitar a comunicação”.

Um rápido retrospecto sobre a área da documentação mostra que, nas décadas de 1950 e 1960, com o crescimento do conhecimento científico e tecnológico, houve dificuldades para armazenar e recuperar informações, a solução encontrada foi uma mudança do enfoque e da conceituação da recuperação da informação. Com efeito, foi abandonada a perspectiva preferencial de recuperação bibliográfica e normalização classificatória e descritiva, buscando-se a construção de linguagens próprias. (CINTRA et al., 2002, p. 33).

Esta linguagem interage tanto com o usuário quanto com o bibliotecário. Como ressalta Vieira (2014) ela representa o conhecimento e a interação do usuário com o conteúdo. A definição desta linguagem está ligada amplamente ao contexto no qual a biblioteca está inserida seu público alvo e como estes realizam a busca. Resumidamente, a linguagem documentária visa: 1) Organização, criar métodos e instrumentos para a elaboração da informação. 2) Indexar, resumir e estabelecer uma linguagem documentária (termos técnicos). (VIEIRA, 2014, p. 64). Como produto desta linguagem surge um vocabulário controlado que guia a inserção bibliográfica nas bibliotecas.

O principal objetivo da linguagem documentária é o controle do vocabulário, ou seja, controlar os termos da área em foco por meio de um conceito/interpretação, definido de acordo com as necessidades do sistema, reduzindo a diversidade e a ambiguidade e eliminando as sinonímias da terminologia, com o objetivo de impossibilitar a generalização do termo, estabelecendo uma indexação eficaz na discrição do documento/assunto. (VIEIRA, 2014, p. 65).

Os vocabulários controlados são uma linguagem artificial constituída de termos relacionados para facilitar a entrada e saída dentro do sistema da biblioteca. Cada unidade de informação difere-se em si, a linguagem documentária também, as vezes são mais formais e suas terminologias mais apuradas e refinadas, em outras nem tanto. Dar-se esta diferença pelo motivo da linguagem documentária está dividida em: linguagem natural e linguagem controlada. A linguagem natural é o meio como nos comunicamos normalmente e conseqüentemente utilizamos os sistemas de busca para a obtenção de uma informação, sem normas ou padrões pré-estabelecidos. Muito diferente da linguagem controlada que determina regras e signos que se relacionam de forma sistemática, é que chamamos de indexação.

A indexação nada mais é que a definição dos termos, ou de forma mais simples a criação de descritores específicos para a busca e recuperação a informação nos catálogos e bases de um sistema. O processo de indexação é antigo e remota segundo Leiva e Fugita (2012) desde os antigos escribas da Mesopotâmia. A eficaz organização de um sistema de indexação influi diretamente na retomada da informação.

Por vezes a indexação é associada ao uma espécie de índice, porém, índices remetem a palavras ou uma parte do texto enquanto os descritores da indexação destinam-se a todo o conteúdo.

[...] Os índices são listas que servem para conectar uma palavra ou frase do texto ao lugar exato do mesmo. Por outro lado, o produto resultante da indización (palavra-chave, descritor ou cabeçalho de assunto) não está associado ao lugar exato do documento. A indización implica um esforço de avaliação e condensação do conteúdo implícito e explícito, enquanto que na elaboração de um índice, a tarefa se reduz a selecionar e localizar palavras ou frases do texto. (LEIVA; FUGITA, 2012, p. 74).

A recuperação do conteúdo é fundamental nos sistemas de busca atuais, por isso, é essencial uma boa política de indexação para direcionar de forma mais clara a inserção e definição dos termos a serem inseridos nos sistemas de busca. Qualquer material pode ser indexado em um sistema, tornando seu poder de alcance muito amplo e diverso, então até mesmo a indexação deve seguir uma lógica, que dependerá da unidade de informação e o contexto no qual estão inseridos. A política de indexação não deve ser vista como uma lista de procedimentos a serem seguidos, e sim um conjunto de decisões que esclareçam os interesses e objetivos de um sistema de informação e, particularmente, do sistema de recuperação da

informação. (LEIVA; FUGITA 2012, p. 17). Assim, pode-se dizer que a indexação é, uma das principais ferramentas da para a elaboração de um tesouro.

A palavra "thesaurus" como afirma Campos (2001) tem sua origem advinda do grego e do latim com o significado de tesouro. Os tesouros são vocabulários controlados desenvolvidos para atender uma área específica do conhecimento. Existem muitos tipos de tesouros com termos e descritores desenvolvidos a partir de análises e conceitos que parte do geral para o específico; ou como define Currás (1995, p. 88) tesouros são "um vocabulário de uma linguagem de indexação controlada (onde esta é uma série de termos extraídos da linguagem natural e utilizados para representar, de forma breve, os assuntos dos documentos), organizando formalmente, com objetivo de tornar explícitas as relações a priori entre conceitos".

É um modelo muito sistemático onde as terminologias são divididas e subdivididas em tópicos e cabeçalhos. Aliás, um tesouro surge de um cabeçalho de assunto bem definido. O desenvolvimento deste visa uma melhor adequação dos termos mais específicos para facilitar classificação da informação. Algumas áreas do conhecimento desenvolveram seus próprios tesouros, por exemplo: Ciência da Informação, Agricultura, Folclore, Ciências jurídicas, etc.

Estes processos iniciais que dão base para o próximo passo.

4.2. Classificação bibliográfica.

Temos o hábito natural de classificar tudo a nossa volta desde plantas à objetos. Moom e Lessa (2009) nos dizem que o homem classifica tudo aquilo que interage com seu cotidiano. Além disso, Nunes e Tálamo (2009, p. 31) argumentam que "na sua trajetória o homem transforma todas as suas ideias em formas palpáveis e necessita selecionar, identificar e compor conceitos para elaborar base teórica para organizar seus estoques de conhecimento". Assim, em meio a toda a informação produzida surgiu uma infinidade de assuntos que necessitavam de classificações específicas para que fosse acessada com mais facilidade.

Não foi uma tarefa fácil, pois, não existia um sistema único ou que fosse capaz de equilibrar os assuntos nas bibliotecas, era um pequeno caos bibliográfico. Para Gigante (1996) os sistemas surgem com o objetivo de organizar os acervos de bibliotecas e facilitar o acesso

dos usuários à informação contida nesses acervos. O que é verdade, Barbosa (1969) ratifica que por muitos séculos, os livros foram arrumados somente com a intenção de preservação. Com a expansão das coleções se fez necessária à criação de sistemas para a classificação da informação, inicialmente foram os filósofos os primeiros a pensar em agrupamentos de conceitos variados.

As classificações bibliográficas tiveram raízes na classificação dos conhecimentos humanos, tendo sido Platão o primeiro a agrupá-los segundo bases filosóficas. Mais tarde, Porfírio, em sua célebre *Árvore*, deu o primeiro exemplo de uma classificação binária. Foi Cassiodoro que, ao dividir as Artes Liberais originou o Trivium e o Quatrivium, usados depois, como currículo nas escolas da Idade Média. Gessner deu à história da classificação o primeiro exemplo de arranjo de livros de acordo com o uso científico da época; daí ser o seu sistema considerado por muitos, como o primeiro sistema de classificação bibliográfica. Mas, foi Bacon, com a *Chart of Learning* o que maior influência exerceu nos modernos sistemas de classificação, tal como os de Harris, Jefferson, Cutter e Library of Congress. (BARBOSA, 1969, p. 41).

Os filósofos deram o “ponta pé” inicial para um sistema classificatório, Pereira *et al* (2009 p. 2) alega que “a classificação filosófica é uma classificação mais elaborada e sofisticada, voltada para a definição e hierarquização do conhecimento humano.” Não era prioridade para eles uma organização da informação voltada para busca e consulta, a finalidade era aqui a pura preservação. Por isso, surge a classificação bibliográfica que para Pereira *et al* (2009) já se preocupa com a disposição física dos documentos. Então, um sistema de classificação como define Barbosa (1969) é uma ordenação de assuntos com características similares.

Qualifica-se como bibliográfica porque, ao contrário dos sistemas de classificação filosóficos que se preocupam com a hierarquização do conhecimento e com a ordem da ciência e das coisas, serve de base a organização de documentos, estabelecendo relações entre eles, para facilitar sua localização. (TÁLAMO; LARA; KOBASHI, 1995, p.54).

Esta classificação surge como método principal de organização, recuperação e disseminação da informação. Assim, ficou mais fácil sua localização tanto para os bibliotecários como para os usuários.

Até então as coleções tinham sido arrumadas por sistemas ou filosóficos ou práticos, mas com a adoção do sistema de livre acesso, os bibliotecários sentiram, cada vez mais, a necessidade de uma arrumação sistemática, que reunisse os livros pelos assuntos que encerram, a fim de melhor atender aos interesses dos leitores. E, assim, surgiram os grandes sistemas de classificação, muitos dos quais, como os decimais, com algumas

modificações, são hoje usados nas bibliotecas de quase todos os países. (BARBOSA, 1969, p. 13).

Os sistemas desenvolvidos buscaram agilizar e englobar ao máximo os assuntos existentes e com base nesse sistema Barbosa (1969, p.15) diz que para o mesmo ser eficiente precisa “a) localizá-los dentro da coleção; b) retirá-los para consulta, com rapidez; c) devolvê-los à coleção, sem dificuldade; d) inserir novos livros aos já existentes, na coleção, sem que percam suas ordens lógicas; e) inserir novos livros, de novos assuntos, sem quebrar a sequência do grupo”.

Assim, surgem os primeiros sistemas de classificação bibliográfica, citam-se aqui os sistemas de Classificação da *Library of Congress*, de Brown, de Bliss, de Raganathan, etc. Contudo, abordaremos com mais ênfase neste trabalho os sistemas de Classificação Decimal de Dewey (CDD), a Classificação Decimal Universal (CDU) e a Tabela de Cutter, utilizados com maior frequência nas bibliotecas brasileira.

4.2.1 Classificação Decimal de Dewey (CDD)

Criado pelo bibliotecário Melville Louis Kossuth Dewey (1851-1931) é um sistema de classificação baseado em números, foi o primeiro a ser sistemático. Pereira *et al* (2009) alegam que ele foi influenciado pelo sistema de W. T. Harris². Barbosa (1969) afirma que Harris, por sua vez se inspirou em uma ordem inversa do sistema criado por Francis Bacon³. A classificação de Dewey foi bem revolucionária para a época. Segundo Barbosa (1969, p. 199), Dewey, “idealizou um sistema de classificação baseado no uso dos números em ordem decimal que marcou época na história da classificação de material bibliográfico”. Em 1876 Dewey lança sua primeira edição.

² William Torrey Haris (1835- 1909) nasceu em North Killingly, Connecticut Estados Unidos, fora um filósofo altamente preocupado com a qualidade da educação publica oferecida. Foi nomeado Comissário de Educação cargo que ocupou por muitos anos. Utilizando-se do sistema criado por Francis Bacon cria um sistema de classificação bibliográfica que posteriormente serve de embrião para o sistema de Dewey.

³ Francis Bacon (1561-1606) filósofo e político inglês criador do método indutivo de investigação é considerado o pai da ciência moderna.

Publicada anonimamente em 1876, a primeira edição da CDD, “Classification and Subject Index for Cataloguing and Arranging the Books and Pamphlets of a Library”, consistia em um folheto com 42 páginas divididas em 12 páginas de introdução, 12 páginas de tabelas e 18 páginas de índice. O famoso título “Decimal Classification and relative index” surgiu somente na 2ª edição, publicada em 1885, trazendo, desta vez, indicação de responsabilidade. A partir de sua 16ª edição, a obra passou então a ser denominada Dewey Decimal Classification (DDC) ou Classificação Decimal de Dewey (CDD), traduzida para o português. (UMBELINO; AGANETTE 2017, p. 46).

O sucesso desse sistema é inquestionável. A facilidade que proporcionava foi muito útil para sua aceitação por parte dos bibliotecários da época. Tão aceitável que perdura até hoje sua utilidade tornando obsoletos os sistemas anteriores e influenciando outros que posteriormente viriam a ser desenvolvidos.

Naquela época de transição, em que as bibliotecas começavam a ser intensamente usadas, foi tão grande o sucesso do sistema de Dewey que ultrapassou as fronteiras do país, e, em diversas edições e traduções, encaminham-se já para um século de constante aplicabilidade nas mais variadas bibliotecas do mundo. (BARBOSA, 1969, p. 200).

O sistema tem por base dez classes como divisão do conhecimento, tendo recebido as influências de Harris e Bacon, Dewey dividiu seu sistema em três características principais: memória; imaginação e razão; como mostra a figura 1 a seguir.

Figura 1 – Comparação dos modelos

Bacon 1623	Harris 1870	Dewey 1876	Classes
Memória { (Natural { História { { Civil	Razão { Filosofia { Religião { Ciências sociais e políticas { Ciências naturais e aplicadas	Obras gerais { Filosofia { Religião { Ciências sociais	000 100 200 300
Imaginação { (Narrativa { Poesia { Dramática { Alegórica	Imaginação { Belas-Artes { Poesia { Ficção { Miscelânea literária	Razão { { Filologia { Ciências puras { Ciências aplicadas	400 500 600
Razão { (Ciência de Deus { Filosofia { Ciência da natureza { Ciência do homem	Memória { Geografia e viagem { História civil { Biografia Apêndice Miscelânea	Imaginação { Belas Artes { Literatura	700 800
		{ Geografia { Biografia { História	910) 920) 900 930/999

Fonte: BARBOSA (1969, p. 203)

As classes principais deste sistema se subdividem em outras classes a fim de se aproximar ainda mais dos assuntos. A notação do sistema admite como afirma Barbosa (1969) três algoritmos para formar a classe principal, podendo a classe principal ser preenchida com zero ou um. A figura 2 exemplifica esta ramificação dentro da classe principal.

Figura 2 – Divisão de assunto na CDD.

300	CIÊNCIAS SOCIAIS
310	Estatística
320	Ciência Política
330	Economia
340	Direito
350	Administração Pública
360	Patologia e Serviços Sociais
370	Educação
380	Comércio. Comunicações. Transporte.
390	Costumes e Folclore

Fonte: <https://bit.ly/2zExYmp>.

Cada tabela é uma árvore que ramifica de acordo com o assunto sempre seguindo o princípio de que os assuntos por mais variados que sejam encontram seu lugar próximo aquele a que se equivale. Ainda, existe neste sistema tabelas auxiliares que como afirma Barbosa (1969, p.206) “sendo as de língua, tempo e local as mais comuns”. Dewey, fora um precursor com seu sistema de classificação, contudo, alguns assuntos pareciam não se encaixar neste sistema. Foi tendo ele como base que surge a Classificação Decimal Universal (CDU).

4.2.2 Classificação Decimal Universal (CDU).

Com altas referências ao sistema criado por Dewey, a Classificação Decimal Universal (CDU) fora criada em 1895 na Conferência Internacional de Bibliografia em Bruxelas coube a Paul Otlet⁴ e Henry La Fontaine⁵ a compilação desse novo sistema. Barbosa (1969, p.387)

⁴ Paul Marie Gislain Otlet (1868 – 1944) nascido em Bruxelas, Bélgica em sua vida obteve muitos títulos e fora muito atuante na sociedade, um ativista. Um dos precursores da Ciência da Informação área que ele identificava como “documentação”.

justifica a criação desse novo sistema, pois, “embora decimal e muito expansivo, o sistema de Dewey não tinha a flexibilidade necessária para que assuntos compostos fossem classificados”. Neste novo modelo que seguia o uso sistemático de numeração para a classificação foi adicionado o uso de símbolos e sinais. Barbosa (1969) esclarece que o próprio Dewey deu sua autorização para esta atualização de seu sistema numa edição que não era a sua, afim de obter uma notação ainda mais minuciosa das obras.

Em 1905, foi então publicada a primeira edição, em francês, sob o título: *Manuel du Répertoire de Bibliographie Universelle*, edição que se tomou conhecida como a Classificação de Bruxelas, porque na época, estava o Instituto instalado naquela cidade. (BARBOSA, 1969, p. 387).

A CDU repete as dez classes criadas por Dewey, Barbosa (1969, p. 388) esclarece que “a princípio iguais, os significados de suas subclasses vêm, pouco a pouco, se diferenciando, à medida que o sistema se amplia”. A Classificação Decimal de Dewey (CDD) permitia somente o ponto de partida que ia do geral para o particular, a CDU, no entanto engloba um número maior de especificidades de assuntos. Há nesse sistema uma síntese maior que permite segundo Tálamo, Lara e Kobashi, (1995) uma maior possibilidade de representar assuntos complexos. O que a difere um pouco mais da CDD é o fato de englobar em uma única classe Literatura, Linguística e Filologia como mostrar a figura 3.

Figura 3 - Divisão das classes na CDU.

CDU	
0	Generalidades
1	Filosofia
2	Religião. Teologia
3	Ciências Sociais
4	-vaga-
5	Matemática e Ciências Naturais
6	Ciências Aplicadas. Medicina. Tecnologia
7	Arte. Belas-Artes. Recreação. Diversões. Esportes
8	Linguagem. Lingüística. Literatura
9	Geografia. Biografia. História

Fonte: <https://bit.ly/2zExYmp>.

⁵Henry La Fontaine (1854 – 1943) jurista e político belga fora um ativista da paz ganhando em 1913 o prêmio Nobel da Paz.

A CDU é muito mais flexível que a sua percussora CDD, sua notação tornou-se um misto de números, símbolos, letras e sinais, Barbosa (1969, p. 388) diz que a finalidade disto foi “[...] conseguir a elasticidade exigida para se classificar documentos”. Com isto a CDU alcançou seu propósito, claro não é um sistema perfeito, nem mesmo a própria CDD, nos dizem Tálamo, Lara e Kobashi, 1995, p.54 que:

De um modo geral, contudo, tanto a CDD como a CDU apresentam problemas. O primeiro deles decorre precisamente do fato de dividirem o conhecimento em dez classes. Seguindo o princípio anteriormente mencionado, as classes convencionais são sucessivamente divididas por determinados atributos, o que implica a formação de uma hore hierárquica que caminha na direção das características selecionadas. Como é problemático representar todo o conhecimento a partir apenas de uma divisão lógica.

Dentro do contexto em que se encontra a classificação deve-se citar mais um sistema, a Classificação de Cutter, contudo, deste sistema a tabela para notação é o que vem sendo utilizado.

4.2.3 Classificação de Cutter.

Criado pelo bibliotecário americano Charles Ammi Cutter (1837-1903), este sistema também foi inspirado na Classificação Decimal de Dewey (CDD), que já estava em sua 15ª edição, entretanto, sua intenção era um sistema melhor mais adaptável a todos os assuntos existentes, ao qual ele deu o nome de *Expansive classification* (Classificação expansiva), Barbosa (1969, p.103) especifica que ele “escolheu o adjetivo expansivo por considerar o sistema ajustável à expansão dos conhecimentos humanos”. Era um sistema com potencial obteve algum sucesso, contudo, comparado a CDD, deixava a desejar. Embora seja bem elaborado e tenha obtido enorme aceitação no seu país, a ponto de servir de base para o grande sistema de classificação da *Library of Congress* dos Estados Unidos não foi, porém, o trabalho que o imortalizou entre os bibliotecários. (BARBOSA, 1969, p.103).

Infelizmente Cutter morrera deixando sua obra incompleta, seu sobrinho William Parker Cutter tentou concluí-lo, mas, também não conseguiu. O que colocou Cutter no rol de história bibliográfica foi simplesmente o desenvolvimento como nos afirma Barbosa (1969, p. 103) “das *Rules for a dictionary catalogue*, que constituem verdadeiro tratado sobre regras de catalogação e da tabela para notação de autores conhecida como Tabela de Cutter”.

A Tabela de Cutter é utilizada junto a CDD ou CDU, e forma o número de chamada que auxilia na organização dos livros e periódicos nas estantes das bibliotecas, a figura 4 demonstra uma pequena parte desta tabela.

Figura 4 - Tabela Cutter e Saborn.

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z							
E		F		G		H	
11	Ea	111	Fa	111	Ga	111	Ha
12	Eam	112	Fab	112	Gab	112	Haas
13	Eas	113	Fabb	113	Gabi	113	Hab
14	Eat	114	Fabe	114	Gabio	114	Haber
15	Eb	115	Faber	115	Gabl	115	Habert
16	Eber	116	Faberi	116	Gabo	116	Habi
17	Ec	117	Fabert	117	Gabr	117	Hac
18	Ech	118	Fabi	118	Gabriel	118	Hack
19	Eck	119	Fabil	119	Gabro	119	Hackett
21	Ed	121	Fabiu	121	Gac	121	Hackett
22	Ede	122	Fabr	122	Gaco	122	Hackl
23	Edg	123	Fabre	123	Gad	123	Hackm
24	Edm	124	Fabri	124	Gade	124	Haco
25	Edw	125	Fabrian	125	Gado	125	Had
26	Edwards	126	Fabric	126	Gads	126	Hadc
27	Ef	127	Fabrin	127	Gae	127	Hadco
28	Eg	128	Fabris	128	Gaer	128	Hade
29	Ege	129	Fabriz	129	Gaet	129	Hadf
31	Egl	131	Fabro	131	Gaf	131	Hadl

Fonte: <https://bit.ly/2g2Qclx>

Esses sistemas de classificação são os auxílios iniciais para a próxima etapa que é a catalogação.

4.3 Catalogação.

Os catálogos surgiram para armazenar e registrar as informações sobre os documentos existentes em um acervo, todavia, sua função passou por uma metamorfose em decorrência do aumento de materiais impressos, inclusive no que tange a ampliação da produção de livros e a consequente necessidade de organização desse material para posterior recuperação. Por isso, ocorreu uma mudança de foco no uso dos catálogos, de simples função de depósito para uma ferramenta arrojada de uso da recuperação de informações.

O catálogo é um elemento de acesso e gerenciamento bibliográfico disponível em uma biblioteca ou grupos de bibliotecas, ele tornou-se um elemento essencial para gerenciar informações, as suas funções podem ser notadas por meio de seus diversos pontos de acesso, tornando-se deste modo imprescindível para recuperar dados. O catálogo tem uma função essencial como meio de comunicação, conduzindo o usuário à informação almejada com o menor número de falhas e a maior quantidade de possibilidades possíveis. (PAIVA, 2011, p. 2).

Como fonte de estudo ganhou área própria denominada Catalogação. Os catálogos são meios úteis que auxiliam tanto o profissional da informação quanto os usuários, auxiliando numa busca pelo acervo e diminuindo o tempo de espera durante uma pesquisa. Mey (1995) relata que foi Cutter o primeiro a pensar em elaborar um catálogo, os objetivos estabelecidos por ele permanecem até hoje, com mínimas variações.

Os países europeus como: Alemanha, Espanha, Países Escandinavos, França, etc; foram os primeiros a desenvolverem seus catálogos. A *Library of Congress* (LC), cria em 1901 as primeiras fichas catalográficas. Começam, então, a surgir os primeiros padrões a serem seguidos de acordo com o código da *American Library Association* (ALA) de 1908. No Brasil de acordo com Modesto (2007, p. 2), “a primeira iniciativa, neste sentido ocorre com o trabalho de Jorge Duarte Ribeiro, intitulado Regras bibliográficas: ensaio de consolidação, em 1934 onde autor se propunha a estabelecer normas para entradas de nomes pessoais”

O desenvolvimento dos catálogos é extraordinário, antes algo tão simplório e por vezes inutilizado, agora ganha novas dimensões e alcance quase que ilimitado. O que dantes era feito manualmente e demandava tempo, custo e paciência, hoje é desenvolvido com mais agilidade e precisão. A figura 5 demonstra como era executada a consulta ao acervo em um catálogo manual.

Figura 5- Consulta manual ao acervo.



Fonte: <https://bit.ly/2Rr5Bz7>.

Com a popularização da *internet* e os avanços das tecnologias em termos de suporte, foi evidente o enquadramento das bibliotecas nesta nova era. Os catálogos por sua vez, também tiveram que se adequar as novas estruturas e padrões para que não se mostrassem inúteis. Todavia, o modelo utilizado estava defasado e mostrando-se ineficaz em suprir as necessidades não só dos usuários, como dos próprios bibliotecários.

O acesso aos documentos há tempos atrás dependia da busca exaustiva por catálogos manuais, quase sempre desatualizados, tornando a utilização do documento difícil por partes dos usuários. A aquisição de catálogos automatizados contribuiu para que a informação chegasse ao um número ilimitado de usuários num menor espaço de tempo. Tornando-se um dos instrumentos mais utilizados pelo profissional da informação no seu ambiente de trabalho, o que o torna essencial para a pesquisa, atuando como veículo principal para difundir as informações, estabelecendo padrões de acesso no contexto da biblioteca.

A automação dos catálogos fez com que a interação entre outras bibliotecas fosse possível criando redes e bases de dados para o compartilhamento de informações. Souza, Catarino e Santos (1997), afirmam que este fato concretizou a catalogação cooperativa. Esse novo sistema se caracteriza por querer suprir as deficiências e amplificar a utilização dos recursos.

A criação de um intercâmbio bibliográfico ou padrões para esse novo sistema fez-se indispensável para a formatação dos registros. Criado na década de 60 pela *Library of Congress* (LC) o *Machine Readable Catalogin* (MARC) é uma base de padrão de entrada de informações bibliográficas. Mey (1995) alerta que não se trata de um programa de gerenciamento para informações. As tecnologias dispostas nessa época foram ajustadas ao novo modelo de catalogação.

Você poderia criar seu próprio método de organizar as informações bibliográficas, mas estaria isolando sua biblioteca, limitando suas opções e criando muito mais trabalho para si mesmo. O uso do padrão MARC impede a duplicação de trabalho e permite que as bibliotecas compartilhem melhor os recursos bibliográficos. Optar por usar o MARC permite que as bibliotecas adquiram dados de catalogação previsíveis e confiáveis. Se uma biblioteca desenvolvesse um sistema "caseiro" que não usasse registros MARC, não estaria tirando proveito de um padrão que abrangesse toda a indústria, cuja finalidade principal é promover a comunicação de informações. (FURRIE, 2009).

A *Library of Congress* (LC) criou também para o MARC uma estrutura de organização dos dados em fita magnética que se tornou em 1973, norma internacional estabelecida pela ISSO (Organização Internacional de Normalização), sob o código 2709. (MEY, 1995, p. 27). Atualmente com o advento da *internet* proporciona uma relação muito mais estreita entre os catálogos.

O MARC, contudo, é apenas é sistema de automatização. Para descrever de forma física os documentos existentes usam-se as regras estabelecidas pela *Anglo-American Cataloguing Rules* (AACR) ou sua provável sucessora a *Resource Description and Access* (RDA).

4.3.1 *Anglo-American Cataloguing Rules* 2ed. (AACR2).

Com a automatização dos catálogos fez-se necessário um código único que fosse capaz de distribuir as regras e os códigos para que as bibliotecas fossem capazes de compartilhar e atualizar seus próprios acervos. A *American Library Association* (ALA), foi uma das precursoras de um código unificado para as bibliotecas junto a outras instituições.

A função inicial do comitê era integrar as versões americana e britânica do código em uma versão única e facilitar a disseminação do AACR em outros países além dos Estados Unidos, Canadá e Reino Unido. A versão unificada, denominada *Anglo-American Cataloguing Rules, Second edition* (AACR2) foi publicada, em 1978, desta vez sendo o código dividido em duas partes, uma contemplando a descrição e a outra as entradas secundárias, forma dos cabeçalhos e títulos uniformes e forma das remissivas. (CASTRO; MACHADO, 2007, p.4)

A utilização da AACR, aqui no Brasil teve ótima aceitação, eliminando uma possível diversidade de códigos na biblioteconomia nacional. A segunda edição conhecida como AACR2 fora traduzida para o português e chega no país na década de 80. Mey (1995) afirma que é de responsabilidade da LC junto a *Cataloging Service Bulletin* a atualização desse código.

AACR2 (Código de Catalogação Anglo Americano), publicado inicialmente em 1967 e que em 1978 lançou-se sua segunda edição, predominante até hoje. A referida operação abrange o tratamento de forma, em que é apontado autor, título, edição, casa publicadora, data, paginação, etc. do documento no catálogo. (SOUSA; FUJITA, 2012, p.66).

Atualmente, estamos em processo transitório para a *Resource Description and Access* (RDA) uma transição que ainda está em passos lentos e com certas relutâncias por parte de alguns bibliotecários.

4.3.2 *Resource Description and Access* (RDA).

Baseada na *Anglo-American Cataloguing Rules 2ed.* (AACR2) a RDA vem como uma potencial substituta deste código, porém, segundo Oliver (2011) difere-se em muitos aspectos devido a sua estrutura teórica. É um apoio para o descobrimento dos recursos, com foco nos usuários e nas tarefas executadas para estas novas descobertas.

Como as AACR, a RDA consiste num conjunto de instruções práticas, que, no entanto, baseia-se numa estrutura teórica que define a forma, a estrutura e o conteúdo desta nova norma. A chave para compreender a RDA está em sua harmonização com dois modelos conceituais, a saber, o *Functional Requirements for Bibliographic Records* (FRBR) [Requisitos Funcionais para Registros Bibliográficos] e o *Functional Requirements for Authority Data* (FRAD) [Requisitos Funcionais para Dados de Autoridade]. O modelo FRAD é uma extensão do modelo FRBR, e ambos constituem uma forma de compreender o universo bibliográfico. Indentificam as tarefas que os usuários devem empreender durante o processo de descobrimento dos recursos e demonstram como diferentes como diferentes tipos de dados bibliográficos e de autoridades servem de suporte à execução bem-sucedida dessas tarefas. (OLIVER, 2011, p. 1).

Percebe-se na RDA uma preocupação com o usuário e sua participação na construção do catálogo. É um código criado para as tecnologias atuais, com suporte para englobar segundo Oliver (2011) dado robustos surgido recentemente ou de tecnologias futuras. Baseada em conteúdos que visam responder indagações e definir os elementos fundamentais para à descrição.

A RDA pode ser utilizada para descrições tanto de recursos tradicionais quanto não tradicionais análogos e digitais, dentro e fora da biblioteca. Uma característica importante está na forma como foi projetada para proporcionar uma estrutura coerente, flexível e extensível tanto para a descrição técnica quanto de conteúdo de todos os tipos de recursos e todos os tipos de conteúdo. (OLIVER, 2011, p.3).

Para a catalogação é uma mudança, tendo invista que a RDA é projetada para a rede. Esta norma é disponibilizada, prioritariamente, na forma de um documento da Rede, como parte do RDA Toolkit. São muitas as formas pelas quais se pode ter acesso a seu conteúdo de modo a adequá-lo a diferentes estilos de aprendizagem e diferentes necessidades. (OLIVER,

2011, p.4). A RDA mostra-se uma grande inovação para a catalogação, uma substituta de extremo potencial ao código utilizado hoje que é a AACR2.

No que foi até aqui apresentado na organização da informação vê-se diferentes etapas e como é imprescindível uma boa gestão para que a dinâmica deste processo seja eficaz.

5 A GESTÃO DA INFORMAÇÃO.

A palavra gestão que possui o significado de gerir, gerência sendo um sinônimo de administração, é um processo natural humano com a classificação, foi um dos muitos passos que demos para a continuidade de nossa evolução. Chiavenato (2004) enfatiza que a administração é a atividade humana mais importante dos dias atuais.

A administração é uma arte, no sentido de profissão ou área de ação humana. Toda arte depende de habilidades. As pessoas que administram organizações (os gerentes) precisam de competências, que incluem diversas habilidades gerenciais. As habilidades podem ser adquiridas ou aprimoradas por meio de experiência e estudo. (MAXIMIANO, 2004, p. 35).

Vivemos em uma sociedade organizacional. As organizações são sistemas abertos em constantes mudanças ou como define Maximiano (2004) sistemas em busca da realização de um objetivo.

A biblioteca não é somente um espaço que armazena informação, é uma organização que precisa ser bem administrada. Chiavenato (2014, p. 65) afirma que “as organizações não existem no vácuo, nem estão sozinhas ou isoladas no mundo”. Seguindo este pensamento Choo (2003) conclui que as organizações devem ser dinâmicas e adaptativas para criarem significado. Infelizmente, nem todo bibliotecário pensa na biblioteca como uma organização, limitando-a há somente um espaço de leitura e pesquisa o que se torna inviável nos tempos atuais onde os usuários adquiriram muito mais percepção do ambiente da unidade de informação.

Atualmente, o Profissional de Biblioteconomia deve ir além da aptidão a trabalhar nos processos de organização, disseminação e gestão da informação. A sociedade percebeu que a Informação em si é uma ferramenta estratégica em variadas áreas e que pode interferir no desenvolvimento econômico e social. Com isso, o bibliotecário passa a apresentar novas características o que exige novas competências, competências estas que pedem uma nova dimensão no campo de trabalho abrangido pelo gestor. (HOLANDA; NASCIMENTO, 2010, p. 6).

A relevância da informação é inquestionável para que haja sempre um equilíbrio faz-se uso da gestão da informação (GI) que segundo Silva e Tomael (2007, p.148) “é responsável por gerir tanto os recursos internos quanto os externos à organização”. A GI é incumbida de disseminar, buscar, armazenar e estabelecer meios para que a informação chegue de forma satisfatória aos usuários. Obviamente, a GI necessita de suportes para que sua execução seja eficaz. Os recursos das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) são as principais

ferramentas utilizadas, e conta-se também com *internet* mais que fundamental para uma gestão eficaz.

A construção de um centro de informação que utilize os meios tecnológicos existentes para atender ao cliente/usuário com eficiência, disponibilizando a informação em diversos formatos (impressos e digitais) é um processo que envolve algumas etapas, entre elas a escolha de equipamentos, como hardwares e softwares a serem utilizados. É de suma importância para o bom funcionamento da instituição, o conhecimento dos tipos de equipamentos disponíveis no mercado, as especificações técnicas e marcas existentes são essenciais aos profissionais da informação. (TITÃO; VIAPIANA, 2008, p. 27).

As novas tecnologias proporcionaram uma significativa melhora nos serviços oferecidos pela biblioteca, como por exemplo, bases de dados para pesquisas, sistemas de bibliotecas interligados, os tesouros e catálogos *online*, etc.

A tecnologia da informação (TI) passou a integrar o ambiente organizacional para solucionar problemas simples. Porém, com o próprio desenvolvimento das tecnologias e do contexto de negócios das mais diversas organizações, criou um número grande de aplicações para a TI, possibilitando a geração de soluções mais elaboradas para os problemas organizacionais. O advento da internet e o desenvolvimento de equipamentos pessoais de interação e comunicação permitem que o acesso à informação esteja cada vez mais facilitado e que faça parte da vida de cada indivíduo e de cada organização. (NASSIF; RESENDE, 2016, p. 112).

Gerenciar a informação dentro da biblioteca, saber como cada etapa funciona e saber onde ocorrem as falhas facilita para um controle da biblioteca. Silva (2017) nos diz que as tomadas de decisões acontecem o tempo todo baseadas nas informações obtidas de formas variadas através dos sistemas informacionais.

Este processo de gerência engloba competências que o bibliotecário precisa adquirir para melhorar os serviços e também o processamento técnico da biblioteca. É algo exigido pelo mercado atual e como dito antes nem todos estão dispostos a assumir esta questão.

Constata-se a partir da literatura, que o avanço tecnológico tem exigido do bibliotecário, competências e habilidades específicas para trabalhar em contextos onde as tecnologias de informação e comunicação são utilizadas como recurso na produção, tratamento e disseminação da informação. (TITÃO, VIAPIANA, 2008, p. 33).

A gestão da informação tem ainda relação com compartilhamento e aquisição dos materiais, ter controle sobre a coleção em sua forma abstrata, usando as tecnologias dispostas para permitir a busca e recuperação. Alves e Oliveira (2016) destacam que o bibliotecário que

compreende as técnicas de gestão e processamento de informação é o que se destacará no mercado atual.

O bibliotecário gestor vai além da arrumação dos livros. A gestão da informação está bem presente nas bibliotecas e as tecnologias são de real importância para um fluxo contínuo na biblioteca.

5.1 A gestão da informação e o uso das tecnologias na prática.

Ao longo deste trabalho foi abordado a temática da informação a necessidade de sua organização e de sua gestão, tudo isto para que as bibliotecas sigam evoluindo e se mostrando organismos vivos em constantes transformações, para dispor o melhor de seu conteúdo para a sociedade. Hoje, temos uma busca muito mais massiva e que resulta numa recuperação rápida para suprir a urgência que possuem os usuários.

Como sabe-se existem os bibliotecários de referência e os que ficam no processamento técnico, estes ficam um pouco mais afastados do contato direto com o público, porém, isto não significa que estão alheios aos usuários. Cada unidade designa de acordo com sua capacidade quantos bibliotecários ficarão responsáveis pela organização da informação, por exemplo, na biblioteca Clodoaldo Barros que é a principal na Universidade Federal do Pará (UFPA), há 40 bibliotecários sendo que somente 7 são responsáveis pelo processamento técnico. Inclusive há ainda aquelas unidades de informação onde apenas um profissional é tanto referência quanto processamento.

Num contexto onde o importante era ouvir a opinião dos bibliotecários que trabalham diretamente com a organização da informação foi realizada uma pesquisa de campo, tendo como foco a observação da rotina e da realização de seus serviços, foi ainda desenvolvido uma série de perguntas em um questionário semiaberto (Apêndice A). Nesta pesquisa foram entrevistados 20 bibliotecários das seguintes instituições: Universidade Federal do Pará (UFPA); Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) e Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Inicialmente foram indagados se os bibliotecários tinham dificuldade em alguma etapa da organização da informação. a resposta unanime foi “não”, contudo, quando perguntados

posteriormente se conseguiriam desenvolver o trabalho com a mesma eficiência e agilidade sem o uso da tecnologia e da *internet* a resposta foi “não”.

Estas respostas são plausíveis com a situação atual da organização da informação nas bibliotecas, onde a gerencia é altamente dependente do auxílio da tecnologia e da *internet*.

Dentre as tecnologias da informação analisadas como apoio à gestão do conhecimento, as redes de computadores são recursos bastantes enfatizados e que se configuram não apenas como um suporte tecnológico, mas como uma verdadeira forma de organização, que altera práticas de comunicação entre os atores e a maneira como a informação e o conhecimento fluem dentro da organização. (ANGELONI, 2003, p.157).

As constantes evoluções tecnológicas permitiram a criação de um sistema integrado de bibliotecas onde a descrição do documento é simples e o sistema dispões de uma rede altamente interligada, as regras seguidas são as estabelecidas pela AACR2. O Marc 21 foi o primeiro desenvolvido neste sentido foi criado dividido em campos para uma descrição detalhada do documento, como descreve a figura 6 a seguir.

Figura 6- Discrição do documento no Marc 21

MARC tags	
000	nas a22 4a 4500
001	001691809
003	BR-RJBN
005	20181119163456.0
007	ta
008	181119d19151994fr x p 0 Ofre
016	7_ a 0000692255 2 BR-RJBN
022	_ a 0751-5533.
040	_ a BR-RJBN b por c BR-RJBN
043	_ a e-fr---
044	_ a fr
245	00 a Crapouillot.
260	_ a Paris [França] ; b Crapouillot, c 1915-1994.
270	_ d França
290	_ a Brasil e Paris
291	_ a 1915 b 1994
300	_ b il. ; c 29-33 cm.
310	_ a Indeterminada.
362	0_ a No. 1 (août 1915)-t. 4, no. 10 (janv. 1919); nouv. sér., no. 1 (1er avr. 1919)-sept. 1939; nouv. sér., no. 1 (1948)-no. 72 (1966); nouv. sér., no. 1 (hiver 1967/1968)-nouv. sér., no. 121 (nov. 1994).
500	_ a Título retirado da capa.
500	_ a Directeur: Jean Galtier-Boissière.
541	_ c Doação; a Alberto Nascimento; d set. 2018; 3 nouv. sér., no. 10 (1950). 5 BR-RJBN
546	_ a Texto em francês.
555	_ a Não publica.
561	1_ a Coleção Bráulio Nascimento.
588	0_ a Descrição baseada no: nouv. sér., no. 10 (1950) 5 BR-RJBN

Fonte: <https://bit.ly/2q13h0c>

Esta forma de descrição foi incorporada ao sistema Pergamum⁶ que é um software de gerenciamento de dados, seu objetivo principal é facilitar a gestão da informação nas

⁶ Informações retirados do site oficial do sistema Pergamum. Disponível em: < <https://bit.ly/2KMK0OL> >

bibliotecas estabelecendo a comunicação usuário/biblioteca. A figura 7, mostra como é feita uma consulta aos catálogos atualmente através deste sistema.

Figura 7 – Consulta online

The image shows a web-based search interface. At the top, there is a search bar with the text "bibliotecas" and two buttons: "Pesquisar" and "Limpar". Below the search bar is a section titled "Opções de consulta" (Search options) with several filters: "Palavra" (selected) and "Índice", "Ordenação" (Title), "Unidade de Informação" (Todas), "Buscar por" (Livre), "Ano de publicação" (empty), "Tipo de obra" (Todas), "Registros por página" (20), and "Coleção" (Todas). Below this is a section for "Termo pesquisado" (search term) with "bibliotecas" and "Adicionar à cesta" (Add to cart) options. The search results section shows "Resultados '766'" and a list of results. The first result is a book by RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca; CAMPELLO, Bernadete Santos (Org.). The title is "(Re)significação do processo de ensino/aprendizagem em Biblioteconomia e Ciência da Informação : novas abordagens didático-pedagógicas , A / 2004 - (Livro)". The author information is "RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca; CAMPELLO, Bernadete Santos (Org.). A (Re)significação do processo de ensino/aprendizagem em Biblioteconomia e Ciência da Informação: novas abordagens didático-pedagógicas. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2004. 142 p. ISBN 8587258494 (broch. : Int". The call number is "Número de chamada: 020.7 R433r". The title variants are "Título - Formas variantes: A Resignificação do processo de ensino/aprendizagem em Biblioteconomia e Ciência da Informação". There are links for "Exemplares", "Referência", "Marc", and "Reserva".

Fonte: <https://bit.ly/2rfAb39>

Há também o SohiA que segue as mesmas funções do Pergamum é utilizado principalmente pela Biblioteca Nacional como demonstra a figura 8 a seguir.

Figura 8 – Interface SophiA.

The image shows the SophiA interface. At the top, there is a red header with the logo of FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Below the header is a navigation bar with icons for Home, Pesquisa, Autoridades, Minha seleção, and Serviços. Below the navigation bar is a section for "Ajuda | Acessibilidade | Alto contraste". The search section has two tabs: "Busca rápida" and "Busca combinada". There are two dropdown menus for "Qualquer coleção" and "Qualquer biblioteca". The search fields include "Todos os campos", "Título", "Autor", "Assunto", "Últimas aquisições" (with "igual a" and a calendar icon), "Ano edição" (with "a" and a calendar icon), "Material", "Idioma", "Arquivo", and "Ordenação" (with "Título - crescente" and a dropdown arrow). There are "Buscar" and "Limpar" buttons. At the bottom, there is a checkbox for "Registros com conteúdo digital".

Fonte: <https://bit.ly/2q13h0c>

O intuito de falar nestes sistemas foi demonstrar o por que de não haver tantas dificuldades por parte dos bibliotecários já que o próprio processamento está totalmente automatizado. Um eventual obstáculo aqui seria o domínio em manusear o sistema o que pode ser resolvido.

Todos avaliam positivamente a forma como organizam a informação e concordam que é necessária uma gestão para a informação, e que a mesma influi desde a escolha do *software* até a execução dos serviços oferecidos.

Quando perguntados sobre suas dúvidas mais frequentes nas etapas da organização, destacam-se a indexação dos termos e a classificação dos assuntos, estas etapas são mais subjetivas e carecem de uma percepção mais pessoal do bibliotecário, nem sempre o assunto está claro e por vezes os termos são mais específicos. Contudo, com a ajuda da *internet* é possível amenizar estas barreiras, para ajudar existem Tesouros *online*, como pode-se ver na figura 9.

Figura 9- Termos de indexação.

Tesauro de Folclore e Cultura Popular Brasileira

apresentação introdução parte sistemática **parte alfabética** fontes consultadas créditos

Índice
 ABCDEFG
 HIJKLM
 NOPQRST
 UVWXYZ

Letra C

- ▶ [Cabaça](#)
- ▶ [Cabaça \(vasilha\)](#)
- ▶ [Cabaú](#)
- ▶ [Cabeça de proa](#)
- ▶ [Cabeça-de-cuia](#)
- ▶ [Cabela de proa](#)
- ▶ [Caboclinho](#)
- ▶ [Caboclo \(divindade\)](#)
- ▶ [Caboclo \(tipo popular\)](#)
- ▶ [Caboclo-d'água](#)
- ▶ [Cabra-cega](#)
- ▶ [Caça](#)

Fonte: <https://bit.ly/2BLISJw>

Por fim a última pergunta referia-se à execução manual do processamento e se seriam capazes de realizá-lo, apenas um respondeu que não. Apesar de demandar trabalho e esforço é

algo viável, porém, não irá proporcionar algo eficaz de imediato e exigirá do bibliotecário um hábil domínio nas etapas de gestão e organização da informação, para que a unidade que esteja gerindo seja útil e atenda os usuários da melhor forma possível.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A informação é algo vital no contexto atual da sociedade, é praticamente impossível viver sem acesso a ela. As bibliotecas como centro de armazenamento da informação devem ser acessíveis e proporcionar uma disseminação e recuperação ágil, pois, é o que o usuário exige. As bibliotecas como organizações passam por constantes evoluções, o profissional deve acompanhá-la, ou tornam-se ambos obsoletos, estagnados no tempo sem projeção de satisfazer qualquer expectativa.

A organização da informação evoluiu muito até chegar nos padrões atuais, estabelecer um modelo único era necessário para tornar o compartilhamento mais fácil. É mais viável para o processamento técnico seguir as normas universais para encontrar e corrigir eventuais erros frequentes nessa área. A gestão da informação vem em auxílio e norteia todo o processo para que este não se perca no acaso. Os bibliotecários precisam estar atentos as novas tendências pra que sua adaptação a estas não seja demorada, o que dificultaria na disposição da informação. Há nesta nova geração uma alta dependência na tecnologia, obviamente elas surgiram para facilitar, mas, dispor este processo exclusivamente a dependência do computador não é a única solução.

Baseado na observação em campo e nas respostas obtidas no questionário tem-se a constatação de uma organização e gestão da informação aplicadas de forma eficiente para a obtenção de dados e recursos para melhorar a disposição do acervo nos catálogos. Ficou mais eficiente todo o processamento quando os dados puderam ser compartilhados em redes padronizadas. Entretanto, fica visível também que para aos bibliotecários deste século seria difícil trabalhar com modelos manuais, estes ficariam bem limitados, uma vez que dominam com excelência o uso da tecnologia da informação.

Os novos bibliotecários nas universidades são educados para lidar com a biblioteca perfeita, onde a gestão e organização da informação são ensinadas somente por meio do uso das tecnologias, mas num país como o Brasil com realidades tão distintas entre si é eficiente aprender todas as formas possíveis de lidar com o processamento. Afinal, a biblioteca vai fechar porque não tem computador, ou um sistema integrado?

A gestão da informação precisa ser levada a sério nas bibliotecas. Nas instituições aqui observadas não é um problema recorrente dado que seu público alvo já possui uma rotina de

pesquisa, contudo, existe outras que não dão tanta importância, negligenciam os processos da organização e não oferecem um serviço de qualidade. São os maus exemplos que se fixam e servem para alimentar o estereótipo negativo da biblioteca.

A busca pela excelência é uma constante na rotina do bibliotecário, afinal não é por acaso que esta é uma das profissões mais antigas do mundo, sempre na vanguarda da sociedade. Por isso, compete a nós estarmos sempre atualizados e dinâmicos tornando a biblioteca sempre viva.

REFERÊNCIAS

- ALVARES, Lilian (org.) **Organização da Informação e do conhecimento**: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações. São Paulo: B4Editores, 2012.
- ALVES, Márcia Valéria; OLIVEIRA, Magali Araújo Damasceno de. Gestão de unidades de informação: o bibliotecário como gestor e líder. **Bibliocanto**, Natal, v. 2, n.1, p. 70–82, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2Qmugrf>. Acesso em: 23 de nov. 2018.
- ANGELONI, Maria Terezinha (coord.). **Organização do conhecimento**: infraestrutura, pessoas e tecnologias. São Paulo: Saraiva, 2003.
- BARBOSA, Alice Príncipe. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de bibliografia e documentação, 1969.
- BARRETO, Angela Maria. Gestão da informação: ferramenta da produção ou dasignificação? **Inf.& Soc.**, v.16, n.2, p.51-61, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/2DQZqQQ>. Acesso em: 25 out. de 2018.
- CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. **Linguagem documentária**: teorias que fundamentam sua elaboração. Niterói; RJ: EdUFF, 2001.
- CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan. /abr. 2007. Disponível em:<https://bit.ly/2QohEzF>. Acesso em: 23 set. 2018.
- CASTRO, Regina Beatriz Assunção de; MACHADO, Elisa Campos. O AACR e o processo de construção do novo código de catalogação: o RDA. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: Igualdade e Diversidade no Acesso à Informação: da Biblioteca Tradicional à Biblioteca Digital – CBBB, 22., 2007, Brasília, DF. **Anais...** Brasília: FEBAB, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2YhD5TH>. Acesso em: 17 out. 2018.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Administração novos tempos**: os novos horizontes em administração. 3. ed. São Paulo: Manole, 2014.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Senac, 2003.
- CINTRA, Anna Maria Marques et al. **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. São Paulo: Polis, 2002.
- CURRÁS, Emília. **Tesauros**: linguagem terminológica. Brasília, DF: IBICT, 1995.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. A modernidade das cinco leis de Ranganathan. **Ciência da Informação**, v. 21, n. 3, p. 186-191, set./dez. 1992. Disponível em: <https://bit.ly/2Njp6M4>. Acesso em 10 nov. 2018.

FURRIE, Betty. **Understanding MARC bibliographic**. Disponível em: <https://bit.ly/1pxtZAL>. Acesso em 27 nov. 2018.

GIGANTE, Maristela Cid. Os sistemas de classificação bibliográfica como interface biblioteca/usuário. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 2, 1996. Disponível em: <https://bit.ly/2ZQsjUU>. Acesso em 25 set. 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HOLANDA, Cíntia, NASCIMENTO, Amanda. Bibliotecário: gestor nas unidades de informação. In: ENCONTRO REGIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 12., 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, UFRGS, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2So6TLd>. Acesso em 19 nov. 2018.

LE COADIC, Yves-Francois. **A ciência da informação**. Brasília, DF: Brinquet de Lemos, 2004.

LEIVA, Isidoro Gil; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes (ed.). **Política de indexação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo, Ática, 2002.

MAXIMIANO, Antônio César Amaru. **Introdução à administração**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MESSIAS, Lucilene Cordeiro da Silva. **Informação: um estudo exploratório do conceito em periódicos científicos brasileiros da área de ciência da informação**. 2005. 185 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2Rqq3jy>. Acesso em: 10 out. 2018.

MEY, Elinhe Serrão Alves. **Introdução à catalogação**. Brasília, DF: Brinquet de Lemos. 1995.

MODESTO, Fernando. Panorama da catalogação no Brasil: da década de 1930 aos primeiros anos do século XXI. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. **Anais...** Brasília, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2E91hl1>. Acesso em: 16 out. 2018.

MOOM, Cristiane Fabíola; LESSA, Rafael Orivaldo. Sistema de classificação bibliográfica e a conceituação do turismo: uma visão da cdd. **Perspectiva em Ciência da Informação**, v. 14, n. 2, p.141-154, mai./ago, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v14n2/v14n2a10.pdf>>. Acesso em 25 set. 2018.

NASSIF, Mônica Erichsen; RESENDE, Walisson da Costa. Gestão da informação e do conhecimento e suas relações com segurança da informação, tecnologias da informação e compartilhamento. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.45, n.3, p.110-118, set./dez., 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2B273nB>. Acesso em 22 nov. 2018.

NUNES, Leiva; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Da filosofia da classificação à classificação bibliográfica. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.7, n. 1, p. 30-48, jul./dez., 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2Xk6RuV>. Acesso em: 30 set. 2018.

OLIVER, Chris. **Introdução à RDA: um guia básico**. Brasília, Df: Brinquet de Lemos, 2011.

PAIVA, Rodrigo Oliveira de. On-line public access catalogs: um estudo dos catálogos on-line. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 14, 2011, Maranhão. **Anais...Maranhão: UFM**, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2BNnIK8>. Acesso em 15 out. 2018.

PEREIRA, Ana Maria;Danielle; LAURINDO, Bianchi Rachadel; SANTIAGO, Silvana Adir. A representação descritiva e temática dos estoques informacionais da BPSC: relato de experiência. **ACB**, v.16, n.1, p. 358-380 jan./jun., 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2FWqjFG>. Acesso em: 18 out. 2018.

PEREIRA, Edinete do Nascimento et al. Classificação bibliográfica: as diversas contribuições para o tratamento da informação. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS, 15., 2009, Natal, RN. **Anais... Natal, RN, 2009**. p. 1-12. Disponível em: <https://bit.ly/2rgyvq7>. Acesso em: 30 set. 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Rio Grande do Sul: Feevale, 2013.

SEPÚLVEDA, Maria Inês Moreira; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Realização de estudos de usuários na prática profissional bibliotecária: estudo de campo no sistema de bibliotecas da UFMG. **ACB**, v.17, n.2, p. 269-287, jul./dez., 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2So17ZS>. Acesso em: 10 nov. 2018.

SILVA, Edna Lúcia da; LOPES, Marili Isensee. A internet, a mediação e a desintermediação da informação. **Ciência da Informação**, v.12 n.2 abr., 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2FXN3oF>. Acesso em 15 out. 2018.

SILVA, Gleise Rosa da. Gestão da informação para a tomada de decisão de uma instituição de ensino superior privada: a experiência das faculdades integradas a união educacional do planalto central (FACIPLAC/DF). **Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 15, n. 1, p.53-81, jan./abr., 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2QtGkad>. Acesso em: 23 nov. 2018.

SILVA, Noemy dos Santos; SILVA, Márcio Bezerra da. A contribuição da organização da informação na responsabilidade social da biblioteca da ambep. **Biblionline**, João Pessoa, v. 8, n. esp., p. 214-230, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2riX1GV>. Acesso em: 19 de out. 2018.

SILVA, Terezinha Elisabeth da; TOMAÉL, Maria Inês. A gestão da informação nas organizações. **Informação e I n formação**, Londrina, v. 1 2, n. 2, p.148-149, j u l . / d e z . 2 0 0 7. Disponível em: <https://bit.ly/2BOHsgi>. Acesso em: 22 nov. 2018.

SOUSA, Brisa Pozzi de; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Do catálogo impresso ao on-line: algumas considerações e desafios para o bibliotecário. **ACB**, v.17, n.1, p. 59-75, jan./jun., 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2PeFMQH>. Acesso em: 17 out. 2018.

SOUTO, Leonardo Fernandes. **Informação seletiva, mediação e tecnologia**: a evolução dos serviços de disseminação seletiva da informação. Rio de Janeiro: Interciência, 2010.

SOUTO, Leonardo Fernandes (org). **Gestão da informação e do conhecimento**: práticas e reflexões. Rio de Janeiro: Interciência, 2014.

SOUZA, T. B.; CATARINO, M. E.; SANTOS, P. C. S. Metadados: catalogando dados na internet. **Transinformação**, v.9, n.2, p.93-105, 1997. Disponível em: <https://bit.ly/2U4PIFs>. Acesso em: 20 out. 2018.

TÁLAMO, M. DE F.; LARA, M.; KOBASHI, N. Vamos perseguir a informação. **Comunicação & Educação**, n. 4, p. 52-57, 30 dez., 1995. Disponível em: <https://bit.ly/2zExYmp>. Acesso em 12 out. 2018.

TITÃO, Fábila Porto; VIAPIANA, Noeli. A importância da organização da informação no século XXI: reflexões. **ACB**, v. 13, n. 1, p. 26-36. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/2zCo7h2>. Acesso em: 24 set. 2018.

UMBELINO, Michelle; AGANETTE, Elisângela Cristina. Classificação decimal de dewey: algumas motivações e justificativas de uso pela rede de bibliotecas da UFMG. **Biblionline**, João Pessoa, v. 13, n. 3, p. 43-54, jul/set., 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2KW3JT>. Acesso em: 01 out. 2018.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Desenvolvimento de coleções: uma nova visão para o planejamento de recursos informacionais. **Ciência da Informação**, v. 22, n. 1, 1993. Disponível em: <https://bit.ly/2quGskp>. Acesso em: 24 set. 2018.

VIEIRA, Ronaldo da Mota. **Introdução à teoria geral da biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Interciência, 2014.

XAVIER, Rodolfo Coutinho Moreira; COSTA, Rubenildo Oliveira da. Relações mútuas entre informação e conhecimento: o mesmo conceito? **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 39 n. 2, p.75-83, maio/ago., 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v39n2/06.pdf>. Acesso em: 23 set. 2018.

APENDICE A – QUESTIONÁRIO.

Questionário da pesquisa

1. Você tem dificuldade na indexação dos termos na biblioteca.
 Sim Não
2. Você tem dificuldade na classificação dos documentos na biblioteca.
 Sim Não
3. Você tem dificuldade na catalogação dos documentos na biblioteca.
 Sim Não
4. Você desenvolveria a organização da informação com a mesma agilidade e facilidade sem o auxílio da tecnologia e internet?
 Sim Não
5. Em uma escala de zero a cinco (sendo zero péssima e cinco excelente) qual o seu nível de satisfação com seu próprio trabalho na organização da informação da biblioteca.
 0
 1
 2
 3
 4
 5

6. Você acha que a gestão faz diferença na organização da informação na biblioteca?

7. Quais suas dúvidas mais frequentes no processo de organização da informação na biblioteca?

8. Você conseguiria organizar a informação manualmente?
